

## APONTAMENTOS DE INTRODUÇÃO AO ESTUDO DO RITUAL DO BAPTISMO

Comunicação ao Sector Pastoral de Cacheu no 1º de Maio de 1987

*pe. Giuseppe Fumagalli P.I.M.E.*

---

Esquema.

### 1 RITUAL

Que tipo de ritual? Depreende-se pelas três introduções:

- 1 Introdução Geral
- 2 Introdução ao Baptismo das crianças
- 3 Introdução ao Ritual do Baptismo dos Adultos (O.I.C.A.)

2 Considerações sobre a ESTRUTURA do Ritual, com referência particular ao Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos.

3 Porquê um NOVO Ritual? Qual a sua relação com o antigo?

- a. razão histórica
- b. razão teológica (Palavra e Sacramento)

4 Umas características entre outras:

- a. Sujeito da Iniciação cristã é o POVO DE DEUS com seus carismas e ministérios
- b. É um ITINERÁRIO: não "escola", mas sim "Caminho".
- c. Iniciação a quê?

5 Reflexões conclusivas

- a. Necessidade de uma mudança de mentalidade por nossa parte
  - b. Relação e interferência entre Iniciação dos adultos e Baptismo das crianças na actuação pastoral
  - c. Prioridade à Evangelização e à criação de Comunidades vivas.
-

## 1. O RITUAL (Ou ITINERÁRIO?)

De que se trata? É um ritual, sim, mas muito diferente do que estamos habituados a pensar quando falamos em rituais tradicionais.

Não se trata duma "Guia para a celebração" com palavras encarnadas (as *rúbricas*) que guiam os gestos e palavras em preto que oferecem o texto que deve ser pronunciado escrupulosamente.

No próprio decorrer dos ritos há uma certa liberdade e suficiente espaço para "inventar", "construir" as expressões e, o que é mais importante, há uma contínua indicação das finalidades a conseguir, dos princípios teológicos e pastorais a que fazer referência, das condições em que celebrar, dos requisitos a suscitar e a avaliar nos candidatos aos vários ritos e celebrações, das adaptações rituais às culturas e à índole dos destinatários.

A maior parte de tais princípios etc. encontra-se nas introduções (*praenotanda*) que, é bem lembrar, são três e são em parte retomadas e explicitadas nas introduções específicas às singlas etapas do "caminho" e aos ritos que as marcam.

As três grandes introduções que é mesmo necessário estudar, reter e familiarizar-se com elas, são as seguintes:

1. INTRODUÇÃO GERAL. Encontra-se, na edição típica, no princípio do Ritual do Baptismo das crianças, mas é fundamental também para o Baptismo dos adultos (é ver a primeira parte da introdução a este último e outros passos onde é citada, de maneira especial o nº 7 dela, relativo ao "Ministro"...)
2. INTRODUÇÃO AO BAPTISMO DAS CRIANÇAS. Significativos os nn. 3;4;5,1;5,5;7;25...)
3. INTRODUÇÃO AO RITUAL DA INICIAÇÃO CRISTÃ DOS ADULTOS. Note-se a expressão "Iniciação cristã" em vez do simples nome do Baptismo.

Estas introduções são muito densas teologicamente, mas sobretudo iluminantes e sábias do ponto de vista pastoral, pedagógico e até social. Familiarizar-se com elas é um dever imprescindível de todo operador pastoral que não queira trabalhar à toa nem estragar a vinha do Senhor em que foi chamado a trabalhar.

Nem val ler apressadamente as introduções aos singulos passos a dar ao longo do catecumenato, assim, para saber o que se deve fazer no rito: não é possível entendê-las na sua justa dimensão, se não houver a pré-compreensão originada pela assimilação do que vem nas três introduções gerais (*praenotanda*, na edição latina).

Os próprios artigos do Código de Direito Canónico (849-878) que dizem relação ao mesmo assunto, ficam expostos ao imediato perigo de má interpretação, se não forem iluminados pela mentalidade que as três introduções querem transmitir e formar. Ainda mais que nas notas há constantes referências ao Concílio Vaticano II, de que os trechos mais citados referem-se, além da Constituição Dogmática sobre a Igreja "*Lumen Gentium*", 14, também à Constituição sobre a Liturgia "*Sacrosanctum Concilium*" e, sobretudo, ao Decreto "*Ad Gentes*" sobre a actividade missionária da Igreja, a "magna carta" do nosso trabalho, especialmente aos números 13, 14, 15.

## 2. CONSIDERAÇÕES sobre a ESTRUTURA do Ritual, com referência particular ao Ritual da Iniciação cristã dos adultos.

---

Qual a estrutura, ou em palavras pobres o Índice, destes livros rituais?

Há novidades. Devem ser entendidas dentro da mentalidade das Introduções para não dar ádito a interpretações arbitrárias. Até oferecem pistas de trabalho iluminantes.

### A. BAPTISMO DAS CRIANÇAS

Capit.1. Baptismo para mais crianças

- " 2. Baptismo para uma criança
- " 3. Baptismo para muitas crianças
- " 4. Baptismo para crianças, ausente sacerdote e diácono, a ser usado pelos catequistas
- " 5. Baptismo para crianças "in periculo vel in articulo mortis" ausente sacerdote e diácono.
- " 6. Como levar à Igreja uma criança já baptizada
- " 7. Textos a escolher

### B. RITUAL DA INICIAÇÃO CRISTÃ DOS ADULTOS.

Capit.1. Itinerário do Catecumenato por etapas

- " 2. Rito mais simples para iniciação dum adulto
- " 3. Rito mais breve para iniciação dum adulto em perigo próximo de morte ou "in articulo mortis".
- " 4. Como preparar à Confirmação e à Eucaristia adultos que, baptizados em crianças, não receberam catequese.
- " 5. Itinerário para iniciação de crianças que alcançaram idade da catequese.
- " 6. Textos a escolher

Apêndice: Admissão à plena comunhão da Igreja de pessoas já validamente baptizadas.

A nossa atenção vai concentrar-se agora um bocado mais sobre o Itinerário da Iniciação Cristã dos adultos.

A estrutura compreende quatro momentos ou etapas, marcados por três celebrações ou passagens ("gradus") (ver nº7).

**1. Primeira evangelização ou pré-catecumenato** (não se deve fazer confusão com a pré-evangelização, que é outra coisa). Duração variável: ver nn.9 e 50.

Kérigma ou anúncio inicial; escuta (Butalhlen abu); fé inicial e princípio de conversão.

Mais propriamente: continuidade na escuta; referência à Comunidade local; participação e eventual rito de acolhimento, feito até no local da catequese.

No fim deste período, para a entrada no Catecumenato deve já haver

- sponsor ou garante (asisen au): nº 42

- Requisitos do candidato: nº 15. 68-72. (Nas nossas comunidades preparámos uma série de perguntas-guia para o colóquio que deve haver com o padre antes da entrada no catecumenato).

. A admissão ao Catecumenato, o primeiro rito público de admissão à comunidade da Igreja (n. 14)

## 2. Catecumenato

Descrição nn.18-19; 68-72

Duração n. 20

Requisitos n. 68

Atitudes a formar no catecúmeno n. 20

## 3. Eleição ou "Scriptio nominis" (Em francês: Appel decisif)

Descrição nn. 22-26; 133-139

Requisitos nn. 134

Padrinhos 136

É o tempo da purificação. Ver n.152 ss

## 4. Celebração dos sacramentos e Mistagogia

A celebração dos sacramentos nn.27ss...36; 208 ss.

O tempo da mistagogia. nn. 37-40; 235-239

NB. Ao longo da descrição é bem fazer uns breves reparos, sobretudo no que diz respeito às finalidades apresentadas para cada uma das etapas, aos requisitos para o acesso a cada uma delas, à falta de determinação de tempos, para ter mais em conta o aparecimento dos requisitos...

## **3. PORQUÊ UM NOVO RITUAL? QUAL A RELAÇÃO COM O ANTIGO?**

*Praenotanda* OICA n.2 (Catechesi 1982/15 pagg. 6-8;21-22;25)

A gente sabe que na antiguidade o Baptismo era dado só depois do Catecumenato, que comportava instrução, escuta da Palavra, participação nos ritos, introdução progressiva na vida da comunidade, amadurecimento na fé, proclamação e testemunho da mesma, etc. Só no caso de perigo de morte o sujeito era dispensado do Catecumenato, mas, no caso de ele escapar à morte, devia percorrer em baptizado o itinerário catecumenal todo. Porquê?

### a. Razão histórica.

Fazer-se cristão era uma coisa séria, era pôr-se à margem da sociedade que tinha sua religião de estado que permeava e ritmava todo o decorrer da vida da comunidade social e política.

Claro que quem se metia neste caminho devia ter uma fé adulta e bem fundamentada, para fazer suas escolhas iniciais e sucessivas na linha da mesma fé e em comunhão com a Igreja, nem que custasse rupturas dolorosas com o tecido da sociedade.

Quando o Cristianismo se tornou maioria e até "*religio civilis*", religião do estado, houve o seguinte fenómeno:

- o Baptismo das crianças generalizado substituiu-se ao Baptismo dos adultos, com conseguinte inutilização do Catecumenato;

- a profissão da religião cristã já não era um risco e não representava um perigo ou uma perda de cidadania; pelo contrário, os hereges eram queimados e uma criança não baptizada não era considerada "gente".

Até chegamos ao ponto que baptizar e civilizar foram apanhados quase como sinónimos e cá na Guiné o "assimilado", entre os demais requisitos para ser declarado tal, devia ter recebido o Baptismo. A fé era uma componente suposta existir e crescer na "Cristandade", dando a atmosfera suficiente para que o indivíduo "respirasse cristão" e fosse ajudado pelo próprio meio ambiente a crescer como tal.

Com os séculos dezoito, dezannove e vinte, com o Iluminismo, o Racionalismo, o Materialismo, o Marxismo e a Secularização, chegou-se outra vez ao divórcio entre a cultura oficial e o cristianismo, com as consequências seguintes:

- aumento do número das crianças não baptizadas, ou de qualquer maneira não educadas na fé;
- ser cristão adulto e testemunha da própria fé volta a exigir uma capacidade de escolha que só pode ser apoiada numa fé adulta e consciente, visto ser coisa rara e sujeita a contestação na sociedade actual em que a Igreja é minoria.

Este tipo de análise levou o Concílio, já desde a Primeira Sessão, na Constituição Litúrgica "*Sacrosanctum Concilium*" nº 64, a dizer que se deve instaurar o Catecumenato dos adultos, etc.

A situação voltou a ser, duma certa forma, como nos priméiros séculos: o remédio proposto foi o que já tinha dado boa prova.

Com quanta maior razão agora a mesma conclusão foi alcançada falando na Actividade Missionária da Igreja. Nas terras de missão a Igreja sempre está em minoria e é nosso pão de cada dia ver como o tornar-se cristão e viver como tal comporta quase normalmente rupturas e perseguições, heroísmos autênticos, excomunhão pela sociedade em que se nasceu (fenómeno aliás que não está destinado a desaparecer nem com certa "adaptação" ou mal entendida "inculturação").

Lembro que o assunto era debatido no Congresso promovido por "*Lumen Vitae*" de Bruxelas e pelo Centro Catequético de Manila onde trabalhava o jesuíta Pe Höfinger. Estávamos no fim da década de Cincoenta e estas ideias estavam a amadurecer mesmo em territórios de missão, onde se falava de Catequese e Missão, Liturgia e Missão. Até que o Concílio as assumiu e nós, agora com notável atraso, estamos a considerá-las e a ver se as pomos em prática.

Uma última observação: o esquema do Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos foi experimentado em Rwanda e Burundi, renovando a estrutura catecumenal que lá existia e sempre floresceu, e foi só depois de o ter como que cultivado em viveiro que foi, a seguir "transplantado" para toda a Igreja. (Apesar de, na experimentação, ter abraçado tempos bastante breves de duração das várias etapas).

#### b. Razão teológica.

Relação entre Palavra e Sacramento. Primato da Evangelização.

Há uma outra razão, de ordem teológica, que exige que o Baptismo, como e mais de qualquer outro sacramento, seja precedido, preparado e iluminado por uma catequese e uma escola de vida, e é a necessária relação entre Palavra e Sacramento, onde o primato, noutros tempos atribuído ao sacramento ou gesto sacramental, vai-se deslocando nos últimos anos para a própria Palavra ou Evangelização.

Em passado estudávamos que o sinal sacramental era composto por Matéria e Forma, onde por "forma" se foi entendendo, aos poucos, quase só a "formula" sacramental.

Em si porém a intuição estava certa, se bem entendida, quer dizer:

a Palavra que evangeliza e faz crescer a fé no sujeito, o dispõe a receber o sacramento

a Palavra que anuncia a acção de Deus e a torna acessível ao homem, dá sentido e vida a um gesto que, em si, não seria nada se não uma mera representação.

No caso do Baptismo a Palavra deve ser antes recebida, cultivada, traduzida na prática da vida: só então o sinal sacramental do Baptismo para a Vida Nova não cairá no vazio e no postiço, mas será verdadeiro, graças à evangelização progressiva e constante levada para frente no Pré-catecumenato, no Catecumenato, na Iluminação e prosseguida na Mistagogia.

A título exemplificativo se pode ver o que acontece em Lc.24,35-48

a. O facto, a matéria: Jesus presente com o seu corpo.

b. A explicação do hic et nunc, a forma: 35-43

c. a evangelização e catequese: 44-48

-secundum scripturas

-prática para a vida: regressam a Jerusalém, à Igreja.

#### **4. UMAS CARACTERÍSTICAS DO RITUAL O.I.C.A.**

O carácter desta introdução não dá para ser completa nem científica.

Só queria apontar umas das características que mais me chocaram e, quiçá, podem ser mais iluminantes para o nosso trabalho.

#### **A. Sujeito da Iniciação Cristã é o POVO DE DEUS com seus carismas e ministérios.** (*Praenotanda Generalia* n.7)

Fundamental, a este respeito, é o n.7 dos *Praenotanda Generalia* citado por sua vez e especificado ulteriormente quer no n.4 dos *Praenotanda* ao Baptismo das crianças, quer no 41 do OICA (ver também 69.105.135.136....)

Em síntese o que lá se afirma é que a preparação ao Baptismo e a educação cristã pertencem "sumamente" ao Povo de Deus, quer dizer à Igreja: é seu papel fundamental.

Mais especificadamente se passa a falar nos vários papeis distribuídos no próprio Povo de Deus:

o papel dos pais

o papel dos padrinhos: escolhidos no seio da própria comunidade e com perspectiva de ajudar o caminho, a perseverança na fé dos baptizados, quer infantes, quer adultos (absurdo cá na Guiné o padrinho europeu, cooperante ou voluntário...)

o papel do sponsor ou garante

o papel dos catequistas e dos diáconos etc.

A própria comunidade em conjunto é envolvida na celebração (à qual deve ser pelo menos convidada) e com a preparação (à qual deve ser estimulada a dar seu contributo) do Baptismo.

Há quem fale de

ministério festivo da Comunidade que celebra o Baptismo e

ministério ferial da mesma Comunidade que assume em próprio e em corresponsabilidade a preparação dos catecúmenos ou dos pais, a educação dos baptizados, o apoio a lhes dar nas dificuldades, etc.

Aliás a primeira pergunta que se faz no Ritual é sempre: "O que é que pedes à Igreja de Deus?" e a resposta é sempre dada ao pedinte em nome da Comunidade (Bapt. Crianças 37.41; OICA 75.77.81. ...)

NB. Na nossa reflexão em busca de linhas comuns de pastoral para a nossa Diocese em 85-87, foi afirmado pela maioria dos Missionários (*naquela altura só havia dois padres nativos, nenhuma irmã e poucos catequistas; nota de 2001*) que sem apoio duma Comunidade, o simpaticante, o Catecúmeno etc, no meio ambiente em que vive, normalmente não consegue aguentar num caminho verdadeiramente cristão.

Por isso foi postulada a existência duma Comunidade viva apoiante, acolhedora, encorajadora, plenamente engajada neste "ministério global" de "gestação" de novos filhos de Deus, como que seio materno da Igreja.

Nisto o novo Ritual vem mesmo ao encontro duma exigência viva que nós também detectamos no terreno em que estamos a trabalhar.

Somos tentados de encontrar o alibi seguinte: tais comunidades não existem e então nós, pessoal missionário, somos autorizados a substituirmo-nos a elas.

O raciocínio tem um vício de forma. Se tais comunidades não existem, devem ser criadas: é a escolha e a exigência prioritária (caso contrário seria como fazer normalmente fecundação in vitro e gestação na máquina...)

Até quando o ser cristão e o pertencer à Igreja for visto como uma afiliação jurídico-formal a uma organização, não teremos comunidades capazes nem se quer de se interessarem se há ou não novos "adeptos"!...

Somos nós com o nosso clericalismo que nos substituímos vezes demais às comunidades, nós que "celebramos os sacramentos" sendo este o "nosso trabalho". Claro que é muito mais fácil "administrar" sacramentos do que esgotarmo-nos em tentar fazer caminhar comunidades. Fomos nós que "privatizámos" a administração dos sacramentos (sempre produzem seu efeito, foi-nos ensinado), nós que reduzimos o Baptismo e o resto a uma "coisa de padres" com "entrada proibida" aos extrâneos, viciando, empobrecendo ou tornando passivas as nossas comunidades, que às vezes nem cuidamos sequer de informar do facto que há celebrações de sacramentos etc. Com certeza que isto não é dar ao Povo de Deus o respeito que merece e encoraja a atitude para com a Igreja semelhante à que se tem para com a bomba da gasolina.

São acusações? Nem por sombra! Mas é tempo de nós, os padres, olharmos para a realidade, sem acusar nem passados nem presentes, mas sim dispendo-nos a reconhecer o que funciona e o que não, para o pôr a funcionar melhor: trata-se de exercer o nosso sacerdócio.

#### **B. É um ITINERÁRIO: não escola, mas sim CAMINHO.**

O que nos é proposto pelo Ritual é um ITINERÁRIO e não uma escola. Não dá até plano nenhum de Catequese nem de conteúdos da mesma, mas sim descreve as etapas da mudança existencial, da conversão e do amadurecimento do sujeito que percorre o CAMINHO CATECUMENAL.

1. O termo ITINERÁRIO, caminho, via (OICA *Praenot.* n.5) aplicado à Iniciação cristã faz superar decididamente a ideia de simples aprendizagem catequética intelectual e leva a

focar em primeiro lugar o caminho pessoal de conversão, de crescimento e maturação na fé e de progressiva inserção na Comunidade Cristã.

2. Em segundo lugar, já no plano dos conteúdos da formação, a palavra itinerário sugere-nos que a iniciação ao cristianismo não abrange só o aspecto doutrinal, mas compreende também a formação à oração, à liturgia, à "experiência" da Comunidade cristã, a aprendizagem da prática do empenho social e caritativo, a experiência do Apostolado.

3. Em terceiro lugar é acentuada a ideia de que a formação à maturidade cristã é gradual e progressiva: tem que percorrer diversas etapas que têm uma certa unidade entre elas e duração adequada.

É nessa linha que, na descrição das várias etapas a percorrer no Caminho da Iniciação, como também na das passagens de uma etapa para outra, não se faz menção nenhuma de duração, nem de programa de Catequese a desenvolver e a assimilar. Com os olhos fitos no sujeito, na pessoa, fala-se em atitudes a criar e cultivar e em requisitos a exigir para passagem à etapa sucessiva.

Isso é feito quer na introdução ao OICA quer na das singulas etapas.

Ex. Vejam-se os seguintes números do OICA:

- 9-11 descrição do pré-catecumenato
- 15 requisitos (criados ao longo do pré-catecumenato) cuja presença deve ser avaliada para passagem ao catecumenato.
- 68 Outro tipo de lista dos requisitos para um sujeito poder ser admitido ao catecumenato.
- 18-20 Descrição do Catecumenato.
- 23.134 Requisitos para passagem à eleição.

Tudo isso requer de nós um esforço e um estudo para "traduzir" em linguagem, cultura, situação existencial local tais requisitos e proporcionar as mensagens adequadas e os meios para os criar.

A referência à duração no tempo, como também ao ter completado ou não certo número de volumes do catecismo é ilegítima e desprovida de qualquer fundamento, se não corresponde, na realidade, a um caminho existencial e à aquisição dos requisitos apontados. O ponto de referência fica sendo o caminho realmente percorrido.

Claro que aqui aparece o papel de pessoas diferentes do padre para que se possa ter uma avaliação tanto quanto possível fundamentada na realidade, como por exemplo: diáconos, irmãs, catequistas, "sponsors", padrinhos, delegados da Comunidade, etc. (ver 136.137. etc.).

### **C. INICIAÇÃO A QUE?**

a) A natureza desta iniciação ( e aliás o seu paralelo com as iniciações étnicas) diz referência a um povo, quer dizer à Igreja como Povo de Deus, visível e reconhecível. Nem que, em última análise, se refira à entrada no Reino e na Vida eterna, ao que, em conjunto, chamamos de Salvação.

Mais imediatamente, porém, a Iniciação cristã é, concretamente, o acesso à Igreja e a "esta" Igreja, na sua dimensão histórica e terrena, visível, que se edifica em volta da Palavra e da Eucaristia e se configura no contexto humano e cultural em que é "incarnada" hic et nunc.



O problema é de Igreja: não se trata simplesmente de baptizar ou não baptizar, mas sim de nos interrogar e verificar se existe ou não (ou se estamos a edificar ou não) uma Comunidade Cristã capaz de acolher e iniciar ao seu mistério de Igreja através do Baptismo e dos restantes sacramentos da iniciação. Concebidos porém não como ponto de chegada ou como algo a que se tem direito (exame e promoção como consequência de terem frequentado as aulas), mas sim como momento inicial duma totalidade que quer dizer "pertencer à Igreja": o que se expressa pela participação à Eucaristia e se manifesta através da fé vivida.

b) Baptismo e Salvação. Pode-se substituir por Iniciação e Salvação.

No contexto da Iniciação, o Baptismo e demais Sacramentos da Iniciação são concebidos como uma simples **passagem**, a mais importante, é verdade, mas sempre passagem. Para onde? Para uma fé vivida e adulta, que continuamente cresce e informa os momentos e os aspectos da vida pessoal e social.

Porque então muitos, nem que seja dos iniciados em crianças, filhos de famílias até cristãs, param no Baptismo, quando muito na Confirmação e na Comunhão solene e não vão mais para frente? Não será talvez por causa de uma errada ou incompleta apresentação destes sacramentos? (digo dos da iniciação, nomeadamente do Baptismo: "vêm pedir o Baptismo" e aí param...)

## 5. UMAS REFLEXÕES CONCLUSIVAS

### 1. Necessidade de uma mudança de mentalidade por nossa parte.

É necessário, antes de mais nada, uma nossa conversão neste sentido: deixar de dar e exigir o mínimo (escolha minimalista) para entrar na ordem de ideias do Ritual.

Uma preparação sumária, que ilustre o Sacramento e dê umas noções catequísticas a indivíduos isolados, condena a nossa Igreja a uma infância perene e a um raquitismo congénito. É uma responsabilidade tremenda a que estamos expostos.

### 2. Relação e interferência entre iniciação dos adultos e Baptismo das crianças na actuação pastoral.

A seriedade no caminho da iniciação dos adultos postula, por sua vez, seriedade na pastoral do Baptismo das crianças: o Baptismo é um só e não se perceberia como é que um adulto o deve alcançar a custa de esforços e dum longo caminho a percorrer, enquanto o atiramos sem consideração a quem quer que seja que o peça para uma criança. Será bem, a este respeito, encontrarmos normas comuns? Esclarecedor, neste sentido, é o n.25 dos *Praenotanda* ao Baptismo das crianças.

### 3. Prioridade à Evangelização e à Criação de Comunidades vivas.

Pelo dito ressalta claramente que a base em que se apoia um caminho de iniciação autêntico e eficaz é dúplice:

-Evangelização clara, contínua

-Comunidade acolhedora, viva, que acompanha o indivíduo na aprendizagem da caminhada cristã, como já apontado.

Só queria acrescentar o seguinte: não será que temos baptizados, sim, mas não cristãos adultos e menos ainda Comunidades no sentido apontado, mesmo porque sua caminhada de iniciação não foi adequada?

Porque não considerar a hipótese de propor o anúncio e o caminho catecumenal a cristãos que nunca tiveram a sorte de o percorrer? Quicá que não amadureçam na sua fé e na consciência eclesial! As experiências estão a pulular neste sentido. (OICA 295-305)

Só a título de lema e de memorização queria lembrar o ditado seguinte, que tiro duma revista de Catequese:

*"Si gestatio perfecta, proles electa  
Si gestatio praecipitata, proles male nata  
Si gestatio defectuosa, proles periculosa"*

Que o Senhor nos conceda de actuar de forma a garantir o mais possível uma "*gestatio peerfecta*" aos simpatizantes, pré-catecúmenos e catecúmenos que formos chamados a acompanhar ao encontro com Cristo na sua Igreja.

Suzana, Abril 1987. *(Passado ao computador em 06.02.2001)*